



A PROPÓSITO DA BANDEIRA NACIONAL 1988

Realização: Manoel de Oliveira, seguindo uma ideia de Manuel Casimiro

Direção de Fotografia: Elso Roque

Som: Joaquim Pinto e Vasco Pimentel

Música: Hino Nacional

Texto: Pedro Prista Monteiro

Pinturas: Manuel Casimiro

Montagem: Ana Luísa Guimarães

Locução: Manuela de Freitas e Luís Miguel Cintra

Produção: Manoel de Oliveira

Diretor de Produção: Manuel Guanilha

Cópia: 16mm, cor

Duração: 7 minutos

Ante-Estrea: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 9 de dezembro de 1988.

Na entrevista publicada no catálogo [*Manoel de Oliveira: Cem Anos*, Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 2008] recorda-se a Manoel de Oliveira uma frase dele em 1981 em que afirma: "O documentário, hoje, não me interessa." E pergunta-se-lhe porque é que, assim sendo, entre 1983 e 1988, Oliveira fez mais três documentários: *Nice... À Propos de Jean Vigo* (1983), *Lisboa Cultural* (1983) e *A Propósito da Bandeira Nacional* (1988), a que se podem juntar, já na presente década [2000], *Momento* (2002), o vídeo sobre e com Pedro Abrunhosa e *O Improvável não é Impossível*, encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2006, para as comemorações do cinquentenário daquela Fundação.

Oliveira responde que *Nice* não é propriamente um documentário e que *Lisboa Cultural* foi uma encomenda ("por modo próprio eu não voltarei



aos documentários"). Encomendas são também os dois filmes do século XXI. Como diria Oliveira: "Fui nisso."

O único caso que exceptua é *A Propósito da Bandeira Nacional*, "caso muito especial que eu tive muito gosto em fazer" e que foi mostrado pela primeira vez em público, nesta mesma Cinemateca, dias antes do cineasta completar 80 anos.

Percebe-se o "muito gosto." Por um lado, razões afectivas, já que o filme documenta uma exposição do pintor Manuel Casimiro, filho de Manoel de Oliveira, realizada no Museu Nacional de Évora em 1983-84. Por outro, porque o tema é a Bandeira Nacional (ou a imagem da bandeira nacional depois de 1910 e da implantação da república). As cores da bandeira (encarnado de sangue e verde de esperança) e a esfera armilar

com as quinas, metáfora das chagas de Cristo, sempre despertaram o interesse de Oliveira, o que é sobretudo visível em *Cristóvão Colombo: o Enigma* (2007).

Oliveira disse, referindo-se a este filme: "É um filme enigmático, com pinturas enigmáticas. E há um texto de Pedro Prista Monteiro, que em vez de explicar o filme, ainda o torna mais enigmático. Achei muita graça a esse conjunto de coisas."

O primeiro plano do filme situa-nos em Évora perante o Museu, mas de modo a mostrar ainda parte do chamado Templo de Diana, enigmáticas ruínas. Depois começamos a ouvir o Hino Nacional (apenas a música). Logo a seguir num jogo de portas (esse jogo de portas tão típico de Oliveira) vemos a sala da exposição onde estão os quadros de



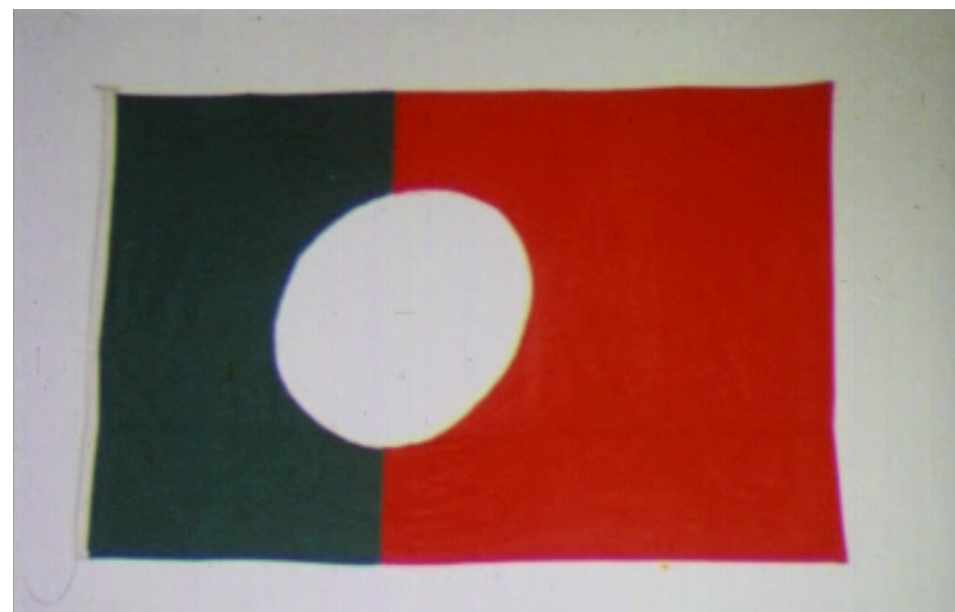
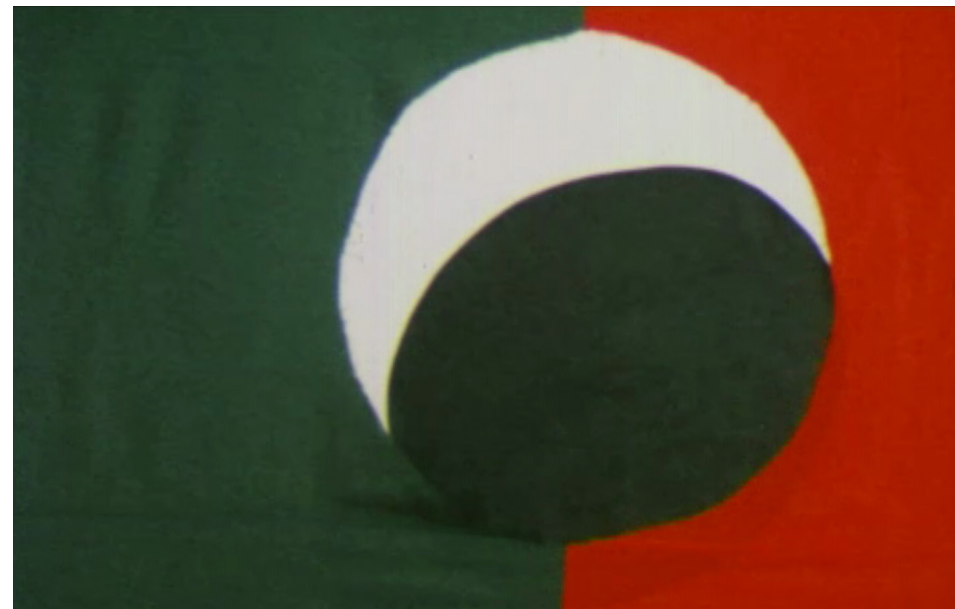
Manuel Casimiro, variações sobre a bandeira. Se o encarnado é bem visível, o verde é tão sombreado que chega a parecer negro, como se a esperança se acabasse nele. Nalgumas telas, não há cor, apenas espaço. Noutras, só o encarnado, noutras uma réstia dessa cor.

No primeiro comentário, dito por Manuela de Freitas, é-nos dada a descrição da bandeira em todas as suas formas e proporções. Recorda-se inclusive que a parte verde deve ser menor que a encarnada, na proporção de 5 para 8. Essa informação, dita muito depressa, é repetida, como se nos estivesse a ser comunicada uma cifra cabalística, que importa reter. A certa altura repete-se o hino, mas apenas alguns compassos. Ou seja, tudo parece fragmentário, pedaços de cor e pedaços de figuras geométricas que ora avivam a bandeira ora a apagam.

O segundo texto, dito por Luís Miguel Cintra, é um texto obscuro, quase mítico (ou quase místico) em que o fado se conjuga com o destino. A frase final, ecoa Vieira e as profecias sebastiânicas: "Rouba-nos então o destino este mesmo oráculo que nos dá em cifra."

Um "divertimento"? Um documento sobre a exposição de um pintor? Ou uma interrogação ao significado dessa exposição que, como sempre em Oliveira, desde a tetralogia, nada explica e tudo vale? Quem souber que responda, que eu, por mim, prefiro ficar com a cifra e ver nestas pinturas algo sem princípio nem fim, como o futuro *NON* (1990), obra seguinte de Manoel de Oliveira.

João Bénard da Costa
(in *Folhas da Cinemateca*, Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 2008)



Fotogramas do filme *A Propósito da Bandeira Nacional* (1988) de Manoel de Oliveira